

07-038

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PEDAGOGIA/ VESPERTINO
NOME: Lucimara Renó Ferreira
PROF. Moacir Gadotti
DISCIPLINA: Seminários de Cultura Escolar III(EDA 661)

*Entrevistas exclusivas de
Paulo Freire*

ÍNDICE

1. TRANSCRIÇÃO Nº 1
Entrevista concedida à Pontifícia Universidade Católica (São Paulo) em 20 de outubro de 1980. *Sim*
2. TRANSCRIÇÃO Nº 2
Entrevista concedida ao Diário de Pernambuco em 9 de fevereiro de 1996. *Não*
4. Entrevista com Paulo Freire realizada em São Paulo, na sua residência, em 7 de fevereiro de 1996. *Não*
(texto escrito)
 - Teses principais e frases que resumem teses.
5. Últimos questionamentos a Paulo Freire, realizado em 16 de abril de 1997 por Eitan Bronstein *Não*
(texto escrito)
 - Teses principais e frases que resumem teses.

1. TRANSCRIÇÃO NÚMERO 1

ENTREVISTA COM PAULO FREIRE (Concedida à Carmelita e Mariângela) PARA A PUC- SP
Data: 20 de outubro de 1980

Inicialmente, gostaríamos que você falasse sobre suas primeiras impressões a respeito dos trabalhos na linha de educação popular, dos grupos. Você sabe que a tendência atual seria o social. É uma coisa que não é nova, mas vem sendo voltada cada vez mais para uma linha de educação popular. Existem muitos assistentes sociais em trabalho de educação popular e outros grupos que a gente vem acompanhando e pra você se configura esse momento como uma novidade. Nesse seu retorno, o que você está achando desse Brasil hoje, desses trabalhos todos?

Paulo Freire: Antes de ter vindo ao Brasil pela primeira vez, no ano passado, eu já tinha de um lado informações e de outro intuições em torno de uma série de práticas no campo da educação popular que vinham se desenvolvendo no Brasil, ligadas, muitas delas, às experiências que tomaram forma e que vem crescendo no trabalho da Igreja, por exemplo, nos sindicatos, e eu tinha, informações e intuições em torno de uma série de atividades que agora começo a constatar e a participar. Então, tudo o que venho vendo sobretudo a partir de agosto, não me surpreende, no sentido de me dar um espanto e de outro, ao constatar as coisas que venho vendo, elas me dão uma certa alegria. Pra que você tenha uma idéia, por exemplo, de como venho vivendo alegre nessa minha volta ao país, na minha reinserção no Brasil, e o volume de trabalho que eu comece a ter, sem me referir, por exemplo, aos seminários mais especificamente acadêmicos, eu estou trabalhando hoje com aproximadamente 10 ou 12 ou até mais grupos, equipes da PUC que operam na periferia e além dessas equipes que estão ligadas à PUC, entre elas algumas equipes de serviço social eu estou, juntamente com Elza, assessorando aproximadamente outras 10 equipes que trabalham na periferia de São Paulo em alfabetização e pós-alfabetização. Essas equipes são as mais diferentes possíveis, tanto que eu pretendo e propus a eles que no próximo ano, em janeiro talvez a gente fizesse um encontro dessas equipes todas pra que trocassem idéias. O que eu observo é que há uma quantidade de trabalho enorme, com boa qualidade também. Talvez uma coisa que fosse importante fazer seria uma tentativa de coordenação de alguns desses esforços de maneira que essas equipes todas se conhecessem e não repetissem, por exemplo,

um trabalho que o outro já faz e que discutissem as dificuldades que têm em determinado tipo de ação e quais as soluções que cada equipe vem dando quando se defronta com um problema, por exemplo. Em última análise, para responder à sua primeira colocação, eu acho que há uma curiosidade bastante grande e um certo interesse em continuar trabalhando, mas não como quem faz favor ou uma obra dadivosa, caridosa, mas uma procura de identificação com os grupos populares, eu acho que é o que deve caracterizar um bom trabalho.

E você tem observado a presença de assistentes sociais nestes grupos?

Paulo Freire: *Sim, não em todos os grupos, mas em uma grande parte da equipe eu tenho visto as assistentes sociais trabalhando no campo da alfabetização e da pós-alfabetização. Há uma boa presença de assistentes sociais neste conjunto de equipes com os quais eu estou trabalhando.*

Esses grupos que você vêm trabalhando junto são grupos em São Paulo ou em outras regiões do Brasil também?

Paulo Freire: *Em São Paulo, pelo fato de que moro em São Paulo, mas o que me impressiona também vivamente são os convites que eu recebo, os chamados do país todo, ora convites de certos grupos universitários, por exemplo, de estudantes universitários, em nome de diretório A, B ou C, ora convites que me são feitos por grupos que trabalham com educação popular, em zonas periféricas também, dos Estados. Mas, lamentavelmente, eu não disponho de mais tempo e não tenho podido atender mais. Eu não teria medo de dizer que tudo isso se vêm dando em nível nacional, que é uma razão de alegria.*

Você sempre observou historicamente, se a gente retomasse desde os anos 60, o interesse do assistente social ou uma preocupação com esse trabalho de educação popular, de base. Você tem observado a presença do assistente social nestas experiências suas?

Paulo Freire: *Ah, sim. Inclusive há algo que gostaria de sublinhar numa conversa com uma publicação de serviço social que eu acho que corresponde a uma espécie de, por um lado de dever e por outro lado de gratidão da minha parte, quer dizer, é a presença de assistentes sociais na minha prática de educador e até na minha visão do trabalho pedagógico. Muito moço, em Recife, fui marcado por assistentes sociais, que se classificariam como uma primeira geração do serviço social no Brasil. Fui marcado por mulheres, de forte e amável personalidade e também por competência e seriedade, como por exemplo, Lurdes de Moraes, Dolores Coelho, que morreu, como Hebe Gonçalves, que hoje está por São Paulo, como Eunisia Bezerra, Vani Mendonça (filha da primeira geração). No Rio de Janeiro, por exemplo, Maria Augusta Albano, Dora Machado, Josefina Albano. Eu discuti muito com elas, aprendi e as ensinei algo. Lembro-me, que moço ainda, vivia implicando com certas exigências, que me pareciam um pouco ingênuas no serviço social, na insistência do serviço social em casos individuais, por exemplo, por nos levar a uma ação "aspirinal" e uma certa mitificação do chamado segredo profissional. Os relatórios, por exemplo, só uma assistente social podia ter acesso à leitura e, às vezes a gente sabia do fato concreto mais do que as assistentes sociais. Essas coisas que eram bem naturais e hoje, até óbvias. Um certo idealismo e um poético idealismo e respeitável, mas eu tenho a convicção de que a assistência social deu um salto nestes tempos todos. Uma coisa era conversar há trinta anos atrás com elas e outra é conversar hoje.*

Houve uma evolução.

Paulo Freire: *Mas é lógico. Uma outra coisa é conversar com vocês hoje, que são quase netas delas. Quer dizer, a visão é outra. Foi a própria prática, a experiência histórica do serviço social que levou vocês a uma compreensão mais dinâmica, menos radical e menos ideal. Mas não há dúvidas de que houve uma enorme evolução por parte dessas primeiras assistentes sociais, que iniciaram a curiosidade nessa faixa. Desde aquela época, quando os estudantes de nível superior e outros setores da universidade não tinham nada a ver com a prática, as assistentes sociais, exatamente por causa do chamado trabalho de campo, já estavam sendo levadas à prática. Elas iam pras áreas populares pra fazer seus estágios, em certas agências locais. Enquanto os estudantes de medicina continuavam dentro das suas faculdades, cortando cadáver pra estudar a anatomia, enquanto os estudantes de sociologia estavam memorizando textos, teorias, as assistentes sociais, com toda a ingenuidade já estavam fazendo seus estágios nas áreas populares. Isso teria, necessariamente, que despertar a consciência das assistentes sociais para dar um salto de uma visão mais ingênua da realidade social até uma visão mais crítica dessa realidade.*

Esse salto corresponde a um momento, com o Golpe de 65 Quando o serviço social pára e começa a se repensar e surge uma nova produção teórica. Nesse material todo que vem nascendo — não sei se você tem

tido a oportunidade de ter acesso a essas coisas todas—é muito marcante a sua influência, em textos latino-americanos, textos argentinos, do Peru, do Chile, é visível, mesmo quando não citado, a preocupação com a consciência, com uma politização. Pode-se sentir que tem origens no seu trabalho.

Paulo Freire: Neste ponto acho muito interessante, porque eu recebia essa marca das assistentes sociais e em certo sentido eu devolvo também esta marca.

Às vezes temos a oportunidade de discutir o seguinte ponto: algumas pessoas envolvidas no trabalho de educação popular têm colocado uma problemática em relação a uma falta de motivação para o desenvolvimento de um trabalho mais amplo, de organização, etc. Como você vê a resposta dessas populações com as quais estas equipes vêm trabalhando, com o trabalho de educação popular neste momento?

Paulo Freire: Esse é um problema importantíssimo para nós todos. Tenho a impressão que, em primeiro lugar, seria fundamental para nós definir o que estamos chamando de “falta de resposta”. Não tenho dúvida de que a falta de resposta é a resposta que aquela comunidade quer dar. Então, é preciso saber qual é a resposta imbuída na aparente não resposta e quando a gente define o que é que há por trás do silêncio, que é uma resposta barulhenta, da apatia é uma resposta profundamente agressiva. O que se precisa saber é o que há por trás disso e o que se oculta na aparência da não resposta, possivelmente descobrimos o nosso erro. O erro que a gente cometeu ao chegar, que está contido na nossa própria invasão da área, nas nossas intenções. Tenho a impressão que desocultar o que está escondido na aparência da não-resposta nos levaria a descobrir a resposta escondida, o desejo, a ansiedade e seria a partir desta ansiedade que descobriríamos o ponto de partida. O escondido que se desvela é o ponto de partida da nossa ação. Nem sempre é fácil, porque, às vezes, nós vamos com certos preconceitos, convencidos do que vamos fazer. A gente quer a resposta F e o “povão” dá a resposta G. Por exemplo, outro dia uma pessoa de um dos grupos dizia: “Paulo, é impossível, porque a comunidade com a qual a gente está trabalhando só quer ‘reza’ e a reza mais alienada possível. O que fazer? Nós não sabemos o que fazer porque a comunidade não responde?” E eu disse: “Já respondeu, a comunidade quer rezar! Por que é que depois do “Padre-Nosso” não se começa a reler os evangelhos, fazer uma leitura histórica, partindo da posição da comunidade e não da tua posição?”

Fu já contei esta história, mas eu acho que é uma resposta a esta pergunta que a gente está se fazendo aqui. Há anos atrás eu tive um encontro em Frankfurt com um grupo de jovens professores, intelectuais, marxistas e cristãos, primeiro para discutir o problemas da educação popular e esse grupo convidou um único operário, um imigrante espanhol, e no intervalo, o operário falou comigo em espanhol e me disse: “Eu tenho uma história pra te contar. Um dia, há uns quatro ou cinco meses atrás eu e mais quatro colegas espanhóis e operários resolvemos organizar um curso de educação política que daríamos aos colegas de fábrica. Nós organizamos um programa porque pensávamos que sabíamos o que nossos colegas queriam saber e começamos a convidá-los para o curso e eles riram e disseram a mim e aos outros que nós éramos malucos, porque eles estavam lá para ganhar dinheiro e depois voltar para a terra natal, comprar uma casa, fazer um comércio. Foi um fracasso total.” Eles se reuniram pra discutir o seu fracasso, fazer uma avaliação e resolveram que insistiriam, mas agora de uma forma diferente. Fizeram uma pesquisa simples para saber o que é que eles gostavam mais. Depois se reuniram e fizeram um estudo apurando do que é que eles gostavam mais e havia duas coisas que eram preferências: tomar chopp com os alemães e jogar cartas no fim de semana. Os cinco, então, se especializaram em jogos de cartas e passaram a todo fim de semana um ir na casa do outro e lá encontrar mais quatro ou cinco pra jogar cartas. À noite, reuniam-se para fazer a avaliação da tarefa. Veja que clareza tinha esse operário. Enquanto estava jogando ele pegava as cartas e quando punha uma carta em cima da mesa, sem olhar para os outros ele dizia: “Vocês souberam o que aconteceu semana passada em Madri?”. Havia um silêncio e, em seguida, os outros diziam: “Não, o que foi?”. “Um grupo de operários tentou uma greve e todos foram para a cadeia.” Todos ficavam silenciosos. Mais adiante outra carta e outra pergunta. Os cinco faziam isso. Como conclusão ele disse: “Paulo, dois meses depois do jogo de cartas, foi possível fazer a primeira reunião para discutir política de quarenta e cinco operários.” Toda vez que conto esta história eu concluo da seguinte maneira: o nosso problema, enquanto educador popular e político, é descobrir qual é o jogo.

É urgente que percebamos que a nossa tarefa, enquanto educador, não é a de ir às áreas populares para depositar na cabeça das populações um conteúdo temático que tenhamos adquirido em nossas leituras de livros, o que é fundamental é discutir com os grupos populares, aplicar nesta discussão uma metodologia rigorosa de conhecimento do real, para que os grupos populares adquiram um método de ler a realidade e não a conclusão da minha leitura. Isso é que é fundamental. Foi exatamente e é o que procuramos fazer em relação aos nossos filhos. Não foi jamais meter na cabeça deles um conhecimento acabado que não existe, mas a maneira crítica de conhecer. Se você entende essa “canequinha de café” você entende o que é a

"mesa" Agora o que não é possível é meter em sua cabeça o que é esse "caneco", porque depois vou ter que meter em sua cabeça o que é a "mesa" e depois o que é esta "sala", esta "casa", esta "rua", este "Estado". É trabalhando com o povo, lendo bem o real, respeitando as condições em que o povo se encontra diante deste real. É respeitar os temores do povo, os medos justos que o povo tem, que temos que conhecer.

Outro dia eu tive um encontro de três horas num área periférica de São Paulo, com um grupo de senhoras que tinham problemas com seus filhos, com a chamada absurda "marginalidade" de seus filhos, mas nenhuma admitia que tinha, o que era absolutamente compreensível. Havia uma ocultação, por necessidade de defender até enquanto família é preciso ocultar. Mas faziam perguntas a mim, em torno destes problemas e uma das respostas que eu dei foi que, em primeiro lugar, como pai e como mãe eu e Elsa nunca pensamos que no dia em que um filho ou filha nossa fumasse um desses cigarros de droga, que isso era um pecado da gente, uma culpa total da gente, que fosse uma culpa enorme do filho. Porque estamos convencidos de que há uma responsabilidade maior em tudo isso, é da sociedade, do modo como ela está organizada. Não foi possível dizer mais do que isso naquele primeiro encontro, mas o que a gente percebia era que elas, aos poucos, se relaxavam do seu medo. Como era possível chegar aqui diante destas senhoras, por exemplo, e falar sobre a espoliação do imperialismo e das multinacionais. É claro que amanhã se pode discutir isso, mas o que não pode é meter na cabeça delas os resultados das suas leituras. Uma delas me disse uma coisa tão bonita e tão dramática, ela disse: "Paulo, a vida da gente é tão dura, que quando a gente dorme, não sonha, a gente tem pesadelos." Então como é que você vai meter na cabeça de uma mulher que só tem pesadelos, num primeiro momento, os últimos resultados de suas leituras que falam da espoliação das multinacionais? Primeiro, a gente tem que discutir o pesadelo dela também.

Sabemos que existem diferentes posturas em relação à educação popular. Para você existem diferentes formas de se fazer a educação popular?

Paulo Freire: Eu acho que há duas posições em relação à educação, tirando o popular, ficando só a educação. É o fato de a educação ser um ato político e, portanto, não neutro. Você tem um caminho que é fundamental no educador que é a sua opção política e a correspondência ou a coerência entre a sua opção e a sua prática, portanto, entre o seu discurso e a sua prática. A educação tanto pode se orientar no sentido da preservação do status quo, da manutenção do poder e ser anti-popular, como pode se orientar no sentido de uma contribuição ao desmantelamento de um anti-popular. A educação popular também é assim. Eu reconheço que a minha posição não é ortodoxa diante disso porque há autores que são respeitados pela sua seriedade, pelo seu engajamento, pela sua coerência e que concebem a educação popular exclusivamente enquanto uma educação que está a serviço dos interesses das classes dominadas. Se eu não estou tirando a conceituação de Luís Eduardo, acho que ele é um desses autores, desses pensadores e práticos mais atualizados no Brasil hoje. Ao lado do Gadotti, do Brandão e de outros mais. Essa posição de Luís Eduardo eu tenho a impressão que também será a de Brandão. Possivelmente também a posição de Gadotti, que eu respeito profundamente, mas eu acho que pode existir uma educação popular "anti-povo", uma educação sobre as massas populares e não com elas, e está precisamente lutando contra os seus interesses. Então essa seria a educação deformadora das massas populares. Provavelmente Luís Eduardo me diria: "Não, Paulo, estás equivocado". Nesse caso essa seria a educação burguesa, dominante. Nesse caso eu me recuso a chamar de educação popular. No fundo tudo isso precisa ser pensado e repensado. De uma coisa eu estou convencido, a disposição disso hoje não pode ser igual a que a minha geração teve, em 63. Nunca tive posições ortodoxas, eu sou radical.

Haveria então uma educação popular voltada aos interesses do popular e uma educação popular voltada aos interesses das classes dominantes?

Paulo Freire: Isso inclusive é aceito em certos níveis populares. Por isso que eu também estou admitindo que ela é popular. Pode-se definir o popular em função de dois aspectos: o popular enquanto definidor dos objetivos da prática educativa, nesse caso, estaria de acordo com a posição de Luís Eduardo. Só é popular o que está em defesa dos interesses do popular mesmo que nem sempre a massa popular estivesse com a clareza daqueles objetivos. Pode-se definir o popular também enquanto uma prática que se dá na área dos espoliados e mesmo que seja mentirosa, contra os interesses dos populares. É a mesma coisa da educação que doméstica e que se chama de educação e daquela que não doméstica e que também se chama de educação. Em lugar de definir como popular exclusivamente, eu definiria como popular libertadora ou domesticante. A minha posição não é rígida. É possível que Luís Eduardo esteja mais certo do que eu, mas o que importa é que se a nossa opção é a libertadora, então façamos uma educação popular realmente "com" as massas populares, não "para elas" e nunca "sobre elas".

2. TRANSCRIÇÃO NÚMERO 2

Entrevista para Diário de Pernambuco

Em que padrão pode ser colocado o ensino primário e secundário do Brasil hoje no mundo?

Paulo Freire: *Essa é uma pergunta que se colocaria dentro do quadro de uma inquietação no campo da educação comparada, com uma reflexão em torno de níveis de sociedade diferentes no campo da educação, do desenvolvimento, da liberdade, da democracia, etc. Em primeiro lugar não é fácil fazer uma comparação assim. Por exemplo, é difícil dizer em relação à alfabetização de adultos que o Brasil está muito menos eficaz do que a Suíça, se você, ao mesmo tempo não fizer reflexões históricas da política, do poder, das tradições culturais, de desenvolvimento econômico, etc. A mim me preocupa muito mais como um educador brasileiro, fugindo a comparações entre Brasil e Argentina, Brasil e Estados Unidos, Brasil e Canadá, constatar que o sistema educacional brasileiro público não vem atendendo as necessidades do país. Eu acho que o problema fundamental é a ausência de vontade política, de decisões políticas que vem caracterizando a realidade e a sociedade brasileira desde que ela foi inventada. É preciso que haja a decisão política de enfrentar com seriedade e com rigorosidade o problema da educação pública no país. Pra mim o caminho não é a privatização da educação e não estou com isso querendo dizer que se deveria fechar as escolas particulares, isso seria uma hurrice da minha parte. A questão é que o Estado cumpra um de seus deveres que é o de oferecer escola em quantidade e em boa qualidade para a população do Brasil e isso, o Brasil nunca fez. É urgente que faça.*

Próximo do segundo milênio o Nordeste do Brasil possui hoje, segundo o Censo do IBGE de 91, uma população rural com índice médio de 56% de analfabetos. Por que isto acontece?

Paulo Freire: *Isso não acontece por acaso. Eu falei antes do descaso dos poderes públicos pela educação, sobretudo popular, das classes populares no país. Evidentemente que o descaso pela vida individual e social dos camponeses neste país, o descaso pela sua presença no mundo, pelo que os camponeses fazem e pelo que não se faz e que se deveria fazer com relação, no mínimo, à sua sobrevivência, isso é histórico também. Hoje a luta dos Sem-Terra e fala-se que eles são invasores, mas os invasores são aqueles que se apoderaram dessas terras e que se apresentam como donos dela e que não produzem em grande parte. No fundo os Sem-Terra estão lutando pelo direito de estar no mundo, de comer, de viver, de plantar, de ser feliz. Agora, você imagina que numa situação como esta de absoluto descaso pelos camponeses, seria até uma coisa incompreensível que, de repente, nós começássemos a ver redes públicas e escolares, uma educação sistemática oferecida pelos municípios e pelos Estados às grandes populações marginalizadas dos camponeses, essas coisas não podem acontecer assim. Para mim, o caminho fundamental é uma reforma agrária, uma coisa correta, em que os homens e as mulheres postos aí passassem a assumir-se como eles mesmos, como sujeitos históricos e não como puras incidências do descaso dos poderes públicos.*

O Diário de Pernambuco publicou recentemente uma série de reportagens sobre as condições de trabalho, vida e salário dos professores primários em Pernambuco, incluindo portadores de magistério e ensino superior e as leigas. Encontramos salários que variam de R\$45,00 até os raros casos de municípios que pagam um mínimo. Esses salários são os responsáveis pelo ingresso de pessoas menos preparadas para o exercício do magistério. O que você pensa sobre isso?

Paulo Freire: *Acho que essa situação que está descrita em sua pergunta revela o descaso histórico do poder público a que me referi antes. Não é possível com os salários que se pagam no Brasil de Norte a Sul cobrar uma eficácia maior. Por outro lado, esses próprios salários de miséria revelam também o despreparo científico e técnico da maior parte dos educadores. Não há uma preocupação com o formar decentemente e em termos permanentes o corpo docente brasileiro. Não se faz educação séria barata. O trabalho pedagógico implica uma inversão. Você tem que contar com um pessoal competente, capacitado, que tenha a sua curiosidade permanentemente desperta para a aquisição do conhecimento que antes não tinha e que ainda vai ser produzido. O corpo docente precisa estar desperto. E não é possível manter um corpo docente desperto se a professora não tem condição sequer de ler um jornal. O mundo de suas preocupações é tal que ela não pode pensar na sua formação científica, coisa que esteve sempre muito distante. Acho que uma política educacional para nós no Brasil precisa desenvolver-se num campo maior da política de gestão do Estado. Não é possível pensar-se numa política educacional sem uma política, por exemplo, de reorientação dos gastos públicos no Brasil. A gente tem que repensar o que gasta, como gasta e com quem gasta.*

Você acha que foi uma inversão de valores? Por que antigamente as escolas boas eram consideradas as escolas públicas, o professor que fazia magistério era valorizado a vida toda como mestre e hoje parece-me que só com o nível médio a pessoa não é considerada “nada”, ela não tem chance de ser considerada um bom professor porque não tem condições de se reciclar, de comprar um material, um livro, uma revista.

Paulo Freire: *Essa pergunta tem sentido, pra ver como esses problemas são históricos, não são problemas estáticos, isso se dá no movimento da história. Houve um momento no Brasil, mais ou menos até os anos vinte ou trinta, a escola básica pública brasileira, em quantidade pequena inclusive era uma escola boa, séria e servia aos filhos das famílias chamadas hem instaladas, abastadas. É interessante observar que, na medida em que as classes populares, a partir dos anos 20, começam a pôr a cabeça um pouco de fora, elas vão percebendo e descobrindo que a educação tem uma força promotora, socialmente falando. Que a educação ajuda as pessoas a repor-se no conjunto da sociedade e então, os filhos dos poderosos faziam uma boa escola e continuavam poderosos. As classes populares passaram a cobrar também pra elas a escola, como um direito também seu. Se organizaram nos centros urbanos, isso coincide com a chegada de operários italianos de esquerda pra São Paulo, certos movimentos da chamada Escola Nova como a escola de Ferrer na Espanha, por exemplo, e começam a influenciar educadores brasileiros e as classes populares passam a reivindicar, a pressionar em favor de abrir as portas da escola pública a seus filhos também. É interessante observar a coincidência entre o momento em que as classes populares emergentes começam a pressionar no sentido de ter seus filhos na escola pública e o descaso do poder público. Em outras palavras, na medida em que as classes populares passaram a entrar em quantidade visível nas escolas públicas, elas começam a deteriorar-se um pouco. Não porque estas classes deterioraram a escola pública, é que o poder público começa a desprestigiar suas própria escola e a saída seria a escola privada. Esse movimento se enfatiza durante o governo militar de 20 anos atrás, em que a escola pública se deteriora ao máximo e a escola privada aparece com uma força enorme. Hoje, uma das tarefas do educador progressista deveria ser a briga por uma escola pública séria, competente, feliz, contente e isso não se faz sem respeito aos educadores e o ponto de partida do respeito às professoras e aos professores é o seu salário menos imoral. Você não pode fazer um discurso do respeito aos educador pagando 30, 17 reais por mês a um educador. Mas quando chega a hora de pagar o homem público, o governante diz: “Ok, eu concordo com isso, mas onde eu busco dinheiro?” É por isso que eu acho que a reforma educacional enquanto reforma política implica outras reformas, inclusive a da reorientação da política dos gastos públicos. É preciso disciplinar estes gastos e não é possível continuar neste país com uma diferença de nível tão agressiva, como por exemplo, nós temos no Brasil o que ganha uma professora que lida com as crianças que chegam à escola e o que ganha um outro profissional qualquer. Eu não quero dizer que a professora mereça mais que um médico, que um engenheiro, que um desembargador, o que eu quero dizer é que a distância é grande demais. Longe de mim pensar que o trabalho de um desembargador não tenha uma imensa importância na vida da sociedade, mas tem também uma enorme importância o trabalho de uma educadora. Eu não conheço nenhum Presidente da República ou Governador de Estado que não tenha tido uma professora primária na vida dela. Quando se fala em prioridade na educação, é preciso que exista essa prioridade. E não há prioridade sem verbas. O que me diz que tal coisa é prioritária é a maneira como eu brigo para viabilizar os caminhos que fazem com que essa prioridade seja uma prioridade.*

O Presidente Fernando Henrique Cardoso encaminhou uma emenda constitucional ao Congresso que propõe o estabelecimento de um piso salarial nacional para o professor primário de R\$300,00. A implantação será acompanhada da exigência de capacitação do professorado pelo município. Este é o caminho para a educação nacional sai do estado em que chegou?

Paulo Freire: *O problema da educação é de tal maneira complexo que não dá para dizer que este é o caminho. Há vários caminhos e este é um deles, é uma dimensão do problema geral. O descalábrio deste país é tal em relação à remuneração do corpo docente que quando o Presidente da República propõe esses esforço de um salário de R\$300,00 é algo que significa um espanto. Você já pensou quem ganha R\$17,00 passar a ganhar R\$300,00 é um salto extraordinário. Agora, isso só não basta. Por outro lado quando se diz que uma das exigências é que os municípios se preocupem com a capacitação, é preciso que para que essa formação permanente, como eu prefiro chamar, ocorra haja um quadro de pedagogos competentes, muito mais capacitados cientificamente que as professoras e que ganhem muito mais do que R\$300,00. Dai pra mim a importância que certas universidades brasileiras já assumiram de se responsabilizar pela formação permanente das educadoras de base desse país. Eu acho que uma universidade tem que ver o contexto em que ela nasce para que um dia possa interferir neste contexto. Não é possível que a universidade colabore no*

sentido de mudar o seu contexto se ela não se relaciona organicamente com este contexto. Uma das tarefas da universidade que se bata por um mudança de seu contexto está na contribuição que ela pode dar no campo da formação permanente das professoras. É evidente que sem um salário decente não dá pra pensar em uma educação razoável. Mas, o salário decente sozinho também não resolve. É preciso que haja uma série de políticas dentro das quais exista a política educacional, entre elas a política de formação dos docentes.

Por que o ensino brasileiro chegou a atual situação? O senhor poderia historiar as razões da decadência?

Paulo Freire: Em parte eu já toquei nisto. É uma pergunta abrangente, no fundo está conversa entre nós não é um seminário sobre a história da educação mais recente ou menos recente.

O Governo Federal também está desenvolvendo o Programa Universidade Solidária, uma vertente do "Comunidade Solidária" e que lembra o antigo projeto Rondon. Estudantes universitários, especialmente do sul do país estão tendo contato com o Nordeste e como o Vale do Jequitinhonha e isso tem produzido cenas de choro e emoção. Este tipo de trabalho tem resultados positivos na saúde e melhoria na qualidade de vida, que justificam a sua permanência ou será que o fato mais importante é o de mostrar aos estudantes um Brasil que não conhecem nos bancos da universidade?

Paulo Freire: Eu acho que tudo o que se possa fazer no Brasil no sentido de que jovens brasileiros do Centro-Sul, do Nordeste, do extremo Sul, não importa de onde, tudo o que se puder fazer para que nós nos exponhamos às diferentes realidades do país, não há dúvida nenhuma que é fundamental e que me parece de bons resultados. Agora, pra mim, não sei bem como está funcionando esta questão da Universidade Solidária, o que é fundamental é que estas coisas sejam feitas democraticamente. Por isso mesmo minhas reflexões não são propriamente uma crítica, mas uma indagação.

Por exemplo, um grupo de estudantes do Rio Grande do Sul vem para o interior de Pernambuco. A minha questão é: qual é o papel desta ou daquela universidade do Rio Grande do Sul, cujos estudantes se deslocam para Pernambuco. Qual é o papel do grupo de professores em relação a uma certa convivência mínima com um grupo de estudantes que vão para o Nordeste? Que tipo de conversa anterior esses estudantes terão com professores do Rio Grande do Sul com relação ao aguçamento da sua própria curiosidade na ida para o Nordeste? Que papel terão professores da Universidade de Pernambuco que vão receber estes alunos? Até que ponto esta Universidade foi consultada com relação à própria programação? Que diálogo houve ou haverá entre alguns professores da Universidade cujos alunos se locomoverão? Quem é que vai receber estes alunos?

O senhor acha que se não houver uma acordo prévio a trajetória pode se perder?

Paulo Freire: Eu acho que perde-se uma oportunidade fantástica de experiência democrática. Eu não gosto de ser negativista, dizer "isso não vai resultar em nada", porque sempre resulta em alguma coisa. Até o espanto de ver a diferença e de perceber as dificuldades fantásticas de uma existência no Nordeste. Mas o que eu quero dizer é o seguinte: eu acho que esse país está vivendo um momento em que as experiências democráticas são absolutamente fundamentais. Discutir as coisas, estimular a curiosidade na busca do conhecimento é algo de absoluta importância neste momento, em que uma democracia incipiente como a nossa precisa ir se fundando cada vez mais fortemente na vida política brasileira.

Há no Brasil uma preocupação contemporânea com o desenvolvimento tecnológico que avança de forma veloz nos países desenvolvidos e nas nações como as que formam o "Tigre Asiático". O Brasil conseguirá acompanhar esse desenvolvimento sem primeiro investir na formação do povo?

Paulo Freire: Essa preocupação existe. Há um empresariado chamado moderno que está preocupado com isso e há intelectuais e cientistas também. A minha posição pessoal é a seguinte: é imperioso que nos preocupemos com isso. Isso significa investir em educação. Ou o Brasil leva a sério a questão da educação nacional, ou o Brasil corre o risco de nem sequer poder iniciar tentativas de uma medíocre resposta aos desafios tecnológicos que estão aí diante de nós. As tecnologias ou as revoluções tecnológicas não vão parar simplesmente porque os governos brasileiros não tenham se preocupado em investir em educação para o povo. Quem não entrar na luta para ficar em dia com os desafios que a tecnologia apresenta perde o bonde da história. Nós já perdemos muitos "bondes" e não podemos perder outros mais. Pra mim isso não é uma questão puramente tecnológica. O meu sonho não tem nada a ver com o sonho pragmático de neoliberais, para quem o grande problema estaria apenas na capacitação técnica e científica dos educandos, sem nenhuma preocupação com a própria presença nossa no mundo. Minha preocupação é muito política e é a

visão política da própria revolução tecnológica que me move. O que é preciso deixar claro é que não é possível perder tempo sem investir na educação do povo brasileiro.

Essa é a contribuição que eu posso dar com as perguntas.

3. Entrevista com Paulo Freire realizada em 7 de fevereiro de 1996 por Antonio Carlos Máximo (entrevista já transcrita)

Neste texto Paulo Freire faz um análise da atividade científica enquanto possuidora de uma natureza política e das suas posições políticas: seu engajamento num partido político, a importância deste ato a todos os indivíduos e analisa também a importância do educador ser um agente político, esclarecendo aos educandos suas posições e exigindo que eles tenham também as suas opções políticas.

Para ele, estar em um partido político é poder realizar-se nele. O indivíduo deve procurar um partido cujas aspirações, sonhos e utopias coincidam com os seus. A militância é vista como algo fundamental.

Ele analisa também seu trabalho na Prefeitura de São Paulo e o quanto isto foi enriquecedor para sua prática enquanto intelectual e educador. O intelectual que se ingressa na política tem sua vida e sua ciência mais desenvolvidas (por exemplo: Florestan Fernandes).

Por último, Paulo Freire destaca as influências que recebeu de Marx e diz que todas as pessoas que acreditam que a esperança está inerente à natureza humana oferecem contribuições ao seu pensamento e o influenciam.

Frases importantes que resumem suas teses:

"(...)toda atividade científica tem uma natureza política. Não é possível fazer ciência de uma forma neutra."(página 1)

"(...)eu acho que é um dever do educador revelar aos seus educandos esse direito e esse dever que eles têm de optar e de ter uma participação, não só política, mas partidária."(página 2)

"(...)o partido, para mim, ou a atividade partidária é aquela atividade através da qual é possível realizar-se, ou nos aproximarmos da realização da nossa utopia."(página 2)

"(...) a militância não é fácil, mas é absolutamente fundamental." (página 8)

"(...) eu me sinto vivo nas áreas populares, independentemente de estar fisicamente bem ou não. E defendo isso como uma obrigação também do intelectual."(página 11)

"(...) a minha passagem pela prefeitura foi profundamente rica pra mim como intelectual e como educador."(página 12)

"(...) a esperança, para mim (...)faz parte da minha natureza humana, histórica, na briga de transformação do mundo. É nesse sentido que, todo mundo que pense assim, me influenciou e me influencia, mesmo que eu não conheça."(página 16, 17)

3. Entrevista com Paulo Freire concedida a Eitan Bronstein em 16 de abril de 1997.

Neste texto Paulo Freire fala sobre o que ele chama de "Ética Universal dos seres humanos", como sendo aptidões e qualidades que se constroem na medida em que o ser humano vive sua história e que buscam sempre estar aprimorando e reconstruindo enquanto vivem.

Aborda também a relação existente entre a sua teoria e a prática a ser contextualizada por educadores: uma prática em que seja possível a discussão, a pesquisa, o questionamento. Esta prática deve ser avaliada democraticamente (alunos e professores devem se auto avaliarem).

A educação pode tornar-se transformadora a partir do momento em que os indivíduos percebem que são influenciados por fatores variados, mas que podem interferir e mudar estes fatores. A essência do ser humano deveria ser a de nunca desistir da luta e da mudança.

Freire discute também a constituição de um conhecimento político a ser adquirido e transmitido na escola e o professor é o responsável por isso.

O conhecimento não é algo a ser transmitido, mas sim construído. O educador progressista é justamente aquele que aguça a curiosidade do aluno para que ele se sinta desafiado e busque respostas a estes desafios.

Frases que resumem suas teses.

"(...) à medida que o ser humano, em sua experimentação histórica começa a constituir sua natureza, começa também a expressar ou esclarecer em todo local em que se encontra certas qualidades ou aptidões tais que eu as considero como sendo 'ética universal dos seres humanos'." (página 1)

"Para mim, o grande sentido histórico, que eu encontro para a minha presença no mundo, é reconstruir o tempo todo para torná-lo mais bonito." (página 2)

"Como professor eu discuto, eu respeito o aluno, pesquiso e questiono, respondo às questões (...) precisamos estar engajados a um tipo de luta constante pela superação daquilo que nós aceitamos. Temos que estar sempre abertos para o novo e o diferente para crescer e aprender." (página 3)

"Não existe prática sem avaliação". (página 3)

"Quando descobrimos que somos submetido à influência (...) podemos nos adaptar às condições, porém, estamos aptos também para interferir no contexto de condicionante." (página 4)

"(...) educação sozinha não dá conta de tudo, mas pode fazer algumas coisas importantes, entre elas, viabilizar o caminho para interferir no mundo." (página 4)

"Fundamentalmente, uma das coisas mais bonitas da nossa luta e da nossa presença no mundo é que não temos certeza absoluta na nossa vitória e ainda assim não devemos parar de lutar." (página 7)

"O conhecimento se cria e se co-participa. O outro tem uma parceria na construção do conhecimento, mas não se faz uma doação de conhecimento para outro alguém. (página 9)